

Daniel Blaufuks Tentativa de esgotamento

Inauguração: 25 Novembro, 22 h
26 Novembro 2016 – 14 Janeiro 2017
Terça a Sábado, 14 – 19 h

A Galeria Vera Cortês é uma galeria de arte fundada em Lisboa em 2006. Instalada há 10 anos num apartamento do século XIX em frente ao rio, em Santos, a galeria vai agora expandir-se e mudar a sua localização para um novo espaço em Alvalade, o bairro da Lisboa modernista por definição. Partindo assim da tipologia da galeria-como-apartamento para a galeria-armazém, Vera Cortês continua comprometida com a qualidade do seu programa e com a ambição de questionar os limites do que é hoje uma galeria de arte. Numa feliz coincidência com a inauguração do seu primeiro espaço em 2006, com uma exposição individual de Daniel Blaufuks, as novas instalações em Alvalade irão também inaugurar com uma exposição do mesmo artista que desenvolveu um projeto especificamente para o novo espaço.

Tentativa de esgotamento

Entre a sexta-feira de 18 e o domingo de 20 de Outubro de 1974, o escritor Georges Perec sentou-se, por várias vezes, num café na praça de Saint-Sulpice em Paris e apontou minuciosamente tudo o que se atravessou no seu campo de visão, entre pessoas conhecidas e desconhecidas, números de autocarros, cães, funerais, e o que consumiu. Essas anotações “do que geralmente não se anota, do que não se nota, do que não tem importância, do que se passa quando não se passa nada, salvo o tempo...” serviram de base para o livro *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*, uma obra sobre o infra-ordinário com óbvias ligações à fotografia contemporânea.

Entre 2009 e 2016 fotografei uma mesa e a janela na minha cozinha em Lisboa. Primeiro atraído pelo silêncio, depois pela forma como a luz caía nos objetos e em seguida pela sua composição geométrica, fui reparando mais e mais em como tudo se repetia e não se repetia devido às ligeiras e quase invisíveis diferenças do dia-a-dia, da altura do ano e das condições meteorológicas. Ao contrário de Perec no café Tabac em Paris, nada, mas mesmo nada, se passava, de facto, diante das janelas luminosas mas opacas, enquanto sobre a mesa os objetos se iam alterando consoante os dias e as necessidades: pratos, copos, jornais, revistas, flores, guardanapos, livros, frutas da época, papéis, instrumentos, mapas. Lentamente a cozinha, devido ao recolhimento em relação ao mundo exterior, tinha-se transformado para mim num local de refúgio, de abrigo, de pensamento, de apaziguamento. A luz suspensa lembrava-me por vezes, claro que modestamente, a de uma igreja ou a de uma mesquita em que

estive uma vez no Irão. Os dias passavam e eu fotografava de quando em quando, sem qualquer intenção para além do próprio acto de fotografar. Cá dentro tudo parecia igual enquanto lá fora o mundo mudava, um amigo morria, um governo caía, um livro saía, uma guerra aniquilava, uma bomba explodia. Houve um dia em que o mundo tentou entrar, quando um empreiteiro bateu à porta e avisou de que o proprietário gostaria de trocar a janela por uma moderna com vidros grandes que deixariam entrar mais luz e menos frio e com a qual eu seria muito mais feliz. Ainda ele falava e já eu tinha fechado a porta. Continuei a fotografar, comecei a experimentar com outros tipos de aparelho e com outros resultados. Cor, preto e branco, negativo, positivo, digital, película, instantâneo. Algures encontrei uma fotografia antiga dos meus bisavós refugiados em volta de outra mesa em frente de uma janela semelhante. Também eles se tinham banhado nesta luz, porque, sim, a luz era a mesma.

Fotografando diariamente comecei a aperceber-me que, por mais que fotografasse, as imagens nunca seriam capazes de reproduzir o todo deste minúsculo espaço.

E mesmo que esse todo fosse traduzido em idênticas horas de filmagem, faltaria então o tempo para as rever, da mesma forma que Funes não tinha tempo para viver por causa da sua memória prodigiosa de um só dia apenas. Aliás, cada fotografia traduz a realidade à sua maneira: ligeiras alterações de cor no digital, sobre-exposições de luz no diapositivo, cinzentos granulados no preto e branco e fascinantes reações químicas no instantâneo. O próprio formato escolhido, ou a lente seleccionada, o filme ou tratamento, representa cada um uma espécie de verdade diferente. Mas o ver lentamente-rapidamente aparecer a imagem à minha frente, na minha mão, em vez do imediatismo do ecrã digital, provoca igualmente uma relação inteiramente diversa com o objecto fotografado, dando lugar a um contacto físico, o manuseamento do objecto-fotografia, e ao erro, um eco distante dos muitos erros que eram cometidos no laboratório fotográfico quando a fotografia ainda se assemelhava à alquimia. Outras destas imagens precisaram de ser reveladas nessa escuridão fantasmagórica que costumava acompanhar todo o processo fotográfico, mas que, tal como a beleza do erro e o desvanecimento da imagem, faz agora parte de um passado analógico. No digital não há defeito, a repetição torna-se desnecessária, nada se perde, nada se transforma nem nada morre, porque, na realidade, não existe e é apenas luz informática. Não é palpável nem é táctil, a fotografia como objecto apenas já só existe (barata) na feira da ladra ou (cara) na galeria de arte.

Fotografei mais e mais. Senti que num mundo inundado de imagens das mais dispersas geografias, fazia algum sentido eu fotografar sempre no mesmo sítio e sempre a mesma fotografia. Mas o local escolhido revelou a sua enorme ingratidão. A tentativa não passa de uma tentativa e a minha janela é tão inesgotável como o café de Pêrec. Nada mexe enquanto tudo mexe. As centenas de fotografias apenas retratam uma ínfima parcela de tempo dentro do tempo, um fragmento microscópico sem importância num fluxo constante. Uma altura chegará em que eu não estarei cá e algum proprietário mudará finalmente a janela. Então, sim, jorrará infinitamente uma outra luz. Alguém será talvez igualmente feliz aqui, nesse outro tempo que não é o nosso tempo.

Daniel Blaufuks

Outubro 2016

Para mais informações p.f. contactar
Laura Pastor: lp@veracortes.com

Daniel Blaufuks Attempting Exhaustion

Opening: 25 November, 10 pm
26 November 2016 – 14 January 2017
Tuesday–Saturday, 2 – 7 pm

Galeria Vera Cortês is a Lisbon-based art gallery founded in 2006. After ten years of being housed in a 19th-century riverfront apartment in Santos, the gallery is expanding and relocating to a new space in Alvalade, Lisbon's quintessential 1940s and 50s modernist district. Departing from the typology of the gallery-as-apartment into the gallery-as-warehouse, Vera Cortês remains committed to the quality of its programme and to pushing forward the boundaries of what a gallery is in our time. In a fortunate coincidence with the 2006 opening of its first space with a solo show by Daniel Blaufuks, the new premises in Alvalade will also open with a show by the same artist and with a project specifically developed with the new exhibition space in mind.

Attempting Exhaustion

Between Friday the 18th and Sunday the 20th of October 1974, writer Georges Perec sat daily in a café at Place Saint-Sulpice, in Paris, thoroughly documenting what he saw, charting brief details of buses and people, dogs, funeral processions, and all he ate and drank. These notes of “that which is generally not taken note of, that which is not noticed, that which has no importance: what happens when nothing happens other than the weather” are the material for the book *An Attempt at Exhausting a Place in Paris*, a work focused on the infra-ordinary with obvious links to contemporary photography.

Between 2009 and 2016, I photographed a table and a window in my kitchen in Lisbon. I was first attracted by its silence, later by how the objects received the light, and, finally, by their geometrical composition. I couldn't help noticing, more and more, how things repeated themselves without truly repeating themselves. Little changes, almost invisible transformations happened every day, according to weather and season. Unlike Perec's tableau, as he saw it from the Café Tabac in Paris, mine was truly void of any action. In front of those luminous but opaque windows, the objects on the table were replaced in function of everyday needs: dishes, glasses, newspapers, magazines, flowers, napkins, the fruit in season, papers, instruments, maps. Retreating from the outside world, I slowly transformed my kitchen into a refuge, a shelter, a place for introspection and solace. Sometimes, I could see the suspended light as a modest reminder of the light in a church or mosque I once visited in Iran. Everything seemed to remain unchanged in this kitchen while the

world outside transformed. A friend died, a government collapsed, a book came out, a war flared, a bomb exploded. One day the world attempted to break in: a constructor knocked on my door and told me the owner of the house wanted to replace the window; that I would feel much happier with a modern window with larger glass panes, more luminous and better insulated. He was still talking when I shut the door on his face. I kept on photographing, started experimenting with other devices, getting different results. Color, black and white, negative, positive, digital, film, instant film. Somewhere, I found an old photo of my refugee great-grandparents sitting on a different table, facing a similar window. Yes, it was the same light, and also they had bathed in it.

As I photographed it, day after day, I realized that images alone would never be able to reproduce the entirety of that minuscule space. And even if we attempted to translate the wholeness of it into identical hours of moving images, the sequence would exhaust our time — much like Ireneo Funes, who didn't have time to live because he was using his days to reconstruct a full day's worth of past memories. Moreover, each photo reflects reality in its own way: subtle differences in the color of the digital images, overexposures in the positives, grainy grays on the black and white photos, and the fascinating chemical reactions of instant film. The format we use, or the lens we choose, the film and the bath, each represent a different kind of truth. But as I see the image — slowly but swiftly — materializing in front of me, in my hand, a relationship is established with the photographed object that does not exist in the suddenness of the digital screen: physical contact, the handling of the object-photography, error, things that echo the many mistakes made in the photographic laboratory when photography was still something akin to alchemy. Some of these images had to be developed in the phantasmagorical darkness that once ruled the processes of photography, but that, just like the beauty of the error and the evanescence of the image, is now part of an analog past. There is no flaw in digital, repetition is pointless, nothing is lost, nothing is transformed and nothing ever dies. In fact, nothing ever exists: it is just computerized light. It is not tangible or tactile. Today, photography as object can only be found (cheap) at the flea market or (expensive) in the art gallery.

I photographed more and more. I felt that, in a world awash with images coming from the most diverse geographies, it made sense to photograph always the same place and always the same photograph. But the place I chose revealed to be ungrateful. This attempt is just an attempt, and my window is as inexhaustible as Perec's

café. Nothing moves, and yet everything moves.

Hundreds of photos reveal only the smallest interval of time within time: a microscopic fragment, insignificant in the context of its continuous flux. There will be a time when

I will not be here anymore and someone will finally change the window. And then, yes, a different light will shine endlessly. Perhaps someone will also find happiness here, in that other time that is not our own.

Daniel Blaufuks

October 2016

For more information please contact
Laura Pastor: lp@veracortes.com